

## CONTINUUM HISTÓRICO: ENGENHO VELHO DE BROTAS E NOSSA SENHORA DAS NEVES

Ana Júlia Matos<sup>1</sup>  
Vanessa Borges<sup>2</sup>  
Wagner Vinhas<sup>3</sup>

**Resumo:** Partimos do pressuposto de que existe uma continuidade histórica dos assentamentos negros do passado com as formas de organização negra no presente. O presente estudo busca evidenciar a linha de continuidade histórica entre os sistemas sociais negros do passado e comunidades de predominância negra. O método de estudo da continuidade histórica parte de lugares considerados de predominância negra visando identificar aspectos como a origem, dinâmica e a persistência das formas de organização de predominância negra no tempo e no espaço da nação brasileira. O que apresentamos são resultados parciais de uma pesquisa em andamento em duas localidades de Salvador: Engenho Velho de Brotas e Nossa Senhora das Neves, em Ilha de Maré.

**Palavras-chave:** continuidade histórica, quilombo, Maria Beatriz Nascimento.

---

<sup>1</sup> Estudante de graduação em Psicologia pela UNEB. E-mail: matosanajulia@outlook.com

<sup>2</sup> Estudante do curso de Refrigeração do IFBA. E-mail: vaneesantoos@gmail.com

<sup>3</sup> Professor de Sociologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA). E-mail: wagnervinhas@ifba.edu.br

## **Introdução:**

Somos simpáticos à ideia de Maria Beatriz Nascimento de que há uma continuidade histórica dos assentamentos negros do passado com as formas de organização negra no presente: quilombos, favelas, terreiros de candomblé, escolas de samba<sup>4</sup>. Estamos seguros de que a recuperação da história e da memória do quilombo é fundamental para pensar a formação social e a identidade nacional. O quilombo foi e continua a ser uma representação persistente no imaginário social, bem como da marginalização histórica, geográfica, política, social, cultural de parcelas expressivas da população brasileira. As comunidades negras continuam sendo lugares de refúgio dos que vivem à margem de nossa sociedade e foi isso que nos levou a pesquisar duas localidades em Salvador: Engenho Velho de Brotas e Nossa Senhora das Neves, em Ilha de Maré.

O quilombo, na atualidade, não corresponde mais à experiência empírica que encontramos no passado colonial. Na contemporaneidade, ele assume um papel ideológico que orienta a luta do negro na sua autoafirmação e autocompreensão. Em outras palavras, o quilombo de hoje significa consciência, ideologia, afirmação de um modo de vida e a compreensão da capacidade de empreender e viver como parte integrante de uma sociedade. Quilombo passa a ter uma conotação ideológica: união, comunidade e luta por melhores condições de vida na sociedade na qual se faz parte. É nesse sentido que ele se interioriza nas práticas e condutas dos descendentes dos africanos no Brasil. A sua mística percorre a memória da coletividade negra e nacional como um esforço por um modo de vida singular. A relevância dos quilombos atualmente está na participação de um campo simbólico cujo caráter libertário seria o impulsionador ideológico para afirmação racial e cultural dos que vivem à margem da sociedade brasileira.

O estudo realizado nos supracitados bairros nos ajuda a pensar em termos de uma linha de continuidade histórica entre os sistemas sociais negros do passado e comunidades de predominância negra na capital baiana: Cabula, Engenho Velho de Brotas, Engenho Velho da Federação, Gamboa de Baixo, Ilha de Maré, Santo Antônio Além do Carmo,

---

<sup>4</sup> Maria Beatriz Nascimento foi uma historiadora brasileira e cujas contribuições para os estudos do quilombo inclui a formulação de uma teoria sobre a continuidade histórica dos assentamentos negros do passado com as formas de organização negra no presente. Ver Vinhas, 2016.

entre outros bairros periféricos de maioria negra. Os núcleos negro's compreendem, hoje, as escolas de samba, os terreiros de candomblé, os bailes negros, as agremiações de negros, as comunidades negras rurais, as favelas. O Engenho Velho de Brotas, Nossa Senhora das Neves, o Quilombo Rio dos Macacos, em Simões Filho, Bahia, o bloco Ilê Ayê, no bairro da Liberdade e a festa Batekoo, em Salvador, bem como o Terreiro do Gantois, podem ser considerados casos exemplares dessa forma de organização social de negros enquanto memória histórica e social.

Nos dias atuais, há uma forte presença do afro nas manifestações culturais com identidades emergentes em comunidades e agremiações negras. No Engenho Velho de Brotas surgiu o "Afoxé Congos D'África", considerado um dos grupos de afoxés mais antigos da cidade, fundado em meados do século XIX. O Afoxé Congos d'África surgiu no bairro do Engenho Velho de Brotas e foi idealizado por Rodrigo, Babalorixá, filho de Omolu. Desfilou até a primeira metade da década de 1940.<sup>5</sup> A agremiação carnavalesca realizava os desfiles nos dias de carnaval e nos festejos de Dois de Julho. A efervescência cultural no bairro influenciou as manifestações artísticas-culturais de personalidades, como Márcia Short, Ninha da Timbalada e Jorge Bafafé; os afoxés Badauê e Ókánbí; na capoeira, Moa do Katendê e Mestre Bimba.

A vida comunitária nesses bairros nos permite definir o quilombado como aquele que deixa de estar sozinho e participa das estratégias coletivas de enfrentamento da sua condição de subalternidade. Em Nossa Senhora das Neves, a maioria da população é negra e de baixa renda, descendentes de populações escravizadas e levadas a trabalhar compulsoriamente no engenho de açúcar de André Fernandes Margalho. A população, hoje, vive da pesca, da pequena agricultura familiar e, devido à proximidade com o continente, alguns trabalham em Periperi, Paripe, Plataforma, Ribeira, assim como no Porto de Aratu e outros bairros da capital.

O que procuramos evidenciar é a preservação de comunidades de predominância negras e/ou atração de populações subalternizadas em um *continuum* histórico. O que entendemos por continuidade histórica descarta qualquer conceitualização envolvendo um projeto meramente insurrecional e de contestação da ordem social, mas retém, no

---

<sup>5</sup> O Afoxé Filhos do Congo, registrado com esse nome a partir de 1979, tem origem no Afoxé Congo D'África.

entanto, o sentido de autodefesa e resistência como forma política. O método de estudo pautado na continuidade histórica parte de lugares considerados de predominância negra para entender a sua origem, a sua dinâmica e a sua persistência no tempo e no espaço da nação (VINHAS, 2016). Partindo de uma acepção positiva, podemos dizer que o lugar de negro está relacionado à capacidade empreendedora dos negros no Brasil de erguerem locais que servem como sistema social alternativo para uma população que vive à margem de uma sociedade com rígidas hierarquias sociais.<sup>6</sup> Para Thales de Azevedo (1996), no Brasil persiste a estrutura social baseada no status como forma de ascensão social e, por isso, não teríamos sido capazes de concluir a transição de uma sociedade estratificada pelo status familiar, característica do período colonial e da República Velha, para uma moderna sociedade de classes sociais. A continuidade histórica prova que os negros desenvolveram diversos tipos de empreendimentos na qual nenhum outro grupo das matrizes étnicas subalternizadas havia feito nessa proporção e duração. As constatações desses empreendimentos partem de duas evidências identificadas nos bairros estudados: 1) a presença do afro e 2) a persistência da ideologia do quilombo, dos aquilombados. São evidências que se somam às demais existentes sobre a continuidade histórica em comunidades de predominância negra, como ocorre em Salvador, Bahia, em São Luiz, Maranhão, no Rio de Janeiro, entre tantos outros no Brasil.

A capacidade de empreendimento dos núcleos negros estaria entrelaçada à memória social dos povos transmigrados para a América e, historicamente, seria perpetuada por meio de práticas e simbologias herdadas dos antepassados dos africanos no Brasil. Para Le Goff (1994), a memória coletiva ou social tende a ser essencialmente mítica e anacrônica. Ela é constituída pelo vivido e pela relação inacabada entre o presente e o passado. Para que a memória coletiva possa angariar legitimidade histórica, precisa apresentar o sentido de continuidade. É por isso que a memória pode ser um elemento fundamental da identidade de um grupo e pode ser alcançada mediante o artifício da historicidade. A organização de lugares negros na contemporaneidade teria conotação ideológica, pois recorreria as estratégias e as táticas de afirmação identitária e cultural da população negra.

---

<sup>6</sup> Em oposição à acepção negativa cunhada por Lélia Gonzalez cuja estrutura hermenêutica remete à teoria do lugar natural aristotélico e aos diferentes modos de dominação sobre o negro. (GONZALEZ e HASENBALG, 1982).

### **Mapeando comunidades negras em Salvador:**

O trabalho foi iniciado com o mapeamento das áreas com termos ou locais que remetem à ideia de ex-quilombos na literatura especializada e nas fontes de documentação primárias em Salvador. A localização de um lugar denominado Engenho Velho de Brotas, na cidade de Salvador, despertou o interesse depois do levantamento dos conceitos histórico-culturais: engenho, senzala, quilombo, afoxé. A localidade de Nossa Senhora das Neves nos chamou a atenção pelo fato de ser uma comunidade de predominância negra e cujas práticas do cotidiano remeteriam às formas de organização negra do passado da cidade. A pesquisa tem procurado identificar práticas sociais que nos ajudassem a evidenciar a continuidade histórica das comunidades de predominância negra com as formas de organização social negra do passado e que haviam persistido ao longo do tempo.

Tudo leva a crer que poderia ter existido, no Engenho Velho de Brotas, produção de farinhas ou tratamento de raízes como a mandioca e o aipim, o que, possivelmente, poderia justificar o nome que o bairro recebe. Isso pode ser verificado na documentação da Fundação Pierre Verger, reproduzida na brochura intitulada “Memórias do Engenho Velho de Brotas”, publicada em 2009. Segundo o Censo Demográfico do IBGE de 2010, o bairro conta com 25.703 habitantes, sendo 84% dessa população negra. O bairro já foi um sub-bairro de Brotas até a revogação da Lei municipal nº 1038/1960 pela Lei nº 9278/2017, quando foi reconhecido como bairro juntamente com Cosme de Farias, Luís Anselmo, Matatu, Vila Laura, Acupe, Daniel Lisboa, Boa Vista de Brotas, Candeal, Campinas de Brotas, e Horto Florestal. Encontramos, no bairro, características culturais e históricas, em torno das trajetórias de personalidades como Castro Alves, Pierre Verger, Manoel dos Reis Machado (Mestre Bimba), Romualdo Rosário da Costa (Mestre Moa do Katendê), Carlos Pereira dos Santos (Negrizu), Márcio Victor, Márcia Short e Carlos Augusto Rodrigues de Brito (Ninha da Timbalada). Há também ruas que trazem referências históricas da cidade de Salvador, como a Rua Maria Felipa e a Rua Manuel Faustino. Além disso, surgiram, no bairro, os afoxés Badauê, Ókánbí e Congos D’África.

No fim de linha do bairro, funciona a Fundação Pierre Verger, local onde morou o fotógrafo Pierre Verger. A casa do fotógrafo foi transformada no Espaço Cultural Pierre

Verger, com cursos e atividades direcionadas à comunidade em torno. Foi nesse espaço que encontramos a Nanci de Sousa, também conhecida como Vovó Cici, contadora de histórias africanas, trabalhou com Pierre Verger e acompanhou o fotógrafo até os últimos dias de vida.

A anciã destacou a Revolta dos Alfaiates, celebrada nos nomes de ruas, como José Ramos, João de Deus e Manuel Faustino, o Dois de Julho, bem como a Rua Maria Felipa. Ela lembrou cantores como Márcia Short, Ninha da Timbalada, Jorge Bafafé, conjuntos musicais como o afoxé Badauê, afoxé Ókánbí, afoxé Congos D'África e figuras como Moa do Katendê e Mestre Bimba. Quanto aos afoxés, ela destacou O Congos D'África, pelo fato de fazerem o padê, um ritual típico do candomblé; o Badauê pelas suas apresentações e referências ao Black Panther e o movimento Black Power, em que os componentes do grupo levantavam os braços com os punhos cerrados, movimento utilizado até hoje para representar a resistência do povo negro. Sobre o Ókánbí, supõe-se que o afoxé ainda exista e que poucas pessoas sabem a origem do nome do grupo, que significa, “Nascido do coração”.

Para Vovó Cici, o bairro é uma comunidade, e, por isso, as manifestações da cultura afro são vistas como incentivadoras para que muitos jovens sigam um caminho parecido, fortalecendo, com isso, a imagem do Engenho Velho de Brotas como um bairro cultural. “Comunidade, o que é uma comunidade? É quando uma pessoa se destaca numa comunidade, é gratificante para quem faz parte dela em todos os sentidos, não é só no sentido cultural, é nos outros sentidos também, sentidos pessoais e sociais”, complementa a nossa entrevistada. Os templos religiosos de matriz afro no bairro são em torno de 15 terreiros de candomblé ativos no bairro. O mais antigo é o Tumba Junsara, com 102 anos. O número de terreiros já foi maior e, atualmente, diminuiu com a penetração das igrejas evangélicas nos bairros periféricos da cidade de Salvador. A disputa ideológica da Igreja, principalmente da Igreja Universal, demoniza as práticas do candomblé, apesar das semelhanças em alguns aspectos.

Na entrada do bairro há o Parque Solar Boa Vista e, dentro dele, o Cine Teatro Solar Boa Vista, construído em 1984. No século XVIII, o local era conhecido por Fazenda Boa Vista e pertencia ao senhor de engenho Manoel José Machado, o qual construiu um mirante em uma torre alta da fazenda para ter uma melhor visão da cidade, por isso a

denominação “Boa Vista”. Essa informação condiz com a fala de Vovó Cici e segundo nos conta, as estórias sobre o bairro falam de um engenho de cana-de-açúcar e do Solar Boa Vista, casa de um senhor de engenho, ainda no período colonial, e onde podia-se observar a chegada dos navios com os africanos, sendo essa a vista do alto da morada do traficante de escravos. O casarão também foi a residência do poeta abolicionista Castro Alves, entre 1858 e 1859. O casarão abrigou o Asilo São João de Deus, sob a responsabilidade da Santa Casa da Misericórdia, entre 1874 e 1938. Foi a sede do Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira, perdurando até 1982. Entre 1983 e 1984, funcionou, no casarão, a sede da prefeitura de Salvador, até se tornar a Secretaria Municipal de Educação. Em 2013, houve um incêndio no local, que deixou danos visíveis até hoje. A presença do poeta Castro Alves, que morou no Solar Boa Vista, mas acima de tudo o Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira, fazem com que o Engenho Velho de Brotas fique amplamente conhecido. “[...] todo mundo conhecesse o Engenho Velho por causa do hospício, não mais por ter sido a casa de Castro Alves, mas porque tinha um hospício”, afirma Vovó Cici.

A Ilha de Maré está localizada a leste da Baía de todos os Santos e faz parte do município de Salvador, a cerca de 5 km de São Tomé de Paripe, no subúrbio da cidade.<sup>7</sup> A Ilha de Maré é formada pelas comunidades de Itamoabo, Botelho, Santana, Nossa Senhora das Neves, Praia Grande, Bananeiras, Maracanã, Martelo, Mata Atlântica e Engenho de Maré. Segundo um dos moradores da Ilha: “O nome da Ilha faz jus exatamente ao fato de as embarcações terem que esperar o nível da água ficar favorável para chegar ou seguir viagem. É assim desde o período colonial.”

A Ilha de Maré possui 6.434 habitantes, segundo o censo de 2010. A população da Ilha é composta por 51,3% de homens e 48,7% de mulheres, sendo que 77,6% dessa população é alfabetizada. Contudo, a baixa escolaridade da população pode ser atribuída a falta de escolas de ensino médio e a necessidade de ir para o continente para continuar os estudos. Portanto, muitas vezes, na adolescência, os meninos são encaminhados para a pesca e as meninas para a mariscagem.

Segundo ainda os dados do censo de 2010, a maioria da população da Ilha é de baixa renda: 61,15% dos chefes de família ganham até 1 salário mínimo e 30,79%

---

<sup>7</sup> A Lei 7.400 de 2008, considera a Ilha de Maré um Área de Proteção Ambiental (APA).

recebem entre 1 e 3 salários mínimos. Com a baixa estação, entre abril e setembro, a pesca diminuiu, mas a comunidade também tem sido afetada pela contaminação das águas, o que tem provocado mais uma retração da renda familiar com a pesca e o marisco. Na alta estação há uma aparente melhora na economia da população com a presença de turistas. Os jovens buscam atividades de baixa remuneração, principalmente na informalidade dos trabalhos na capital como vendedores ambulantes, mas também como empregados domésticos, limpadores de rua.

A Ilha abriga algumas importantes comunidades negras, Praia Grande, por exemplo, tem o maior número de pessoas autodeclaradas negras, inclusive registradas como quilombolas. Bananeiras, Praia Grande, Santana, Botelho e Martelo são registrados como território quilombola. Na Ilha de Maré estão três das quatro comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Palmares: Praia Grande, Bananeiras e Martelo. Conforme explica um dos moradores mais antigos: “Há cinquenta anos o candomblé predominava, inclusive com a existência de terreiros. Existia até um certo sincretismo religioso”, afirmou ele. Na comunidade de Praia Grande, localizada na costa oeste da Ilha, existem terreiros que se mantêm em funcionamento até hoje.

Em Nossa Senhora das Neves, a predominância da população é negra e a maioria dos moradores sobrevive como barqueiro (homens) e marisqueira (mulheres), mas há quem atravesse o mar todos os dias para trabalhar no continente. O acesso à Praia das Neves é pelo Terminal Marítimo e Hidroviário de São Thomé, localizado em São Thomé de Paripe, bairro de Salvador que faz parte do Subúrbio. Ao chegar ao terminal, é necessário pegar ou um barco ou um “tototó” para poder fazer a travessia, também chamados pelos nativos de lanchas, são movidas a diesel e que, a depender do porte, podem transportar até 150 pessoas.

Uma das relíquias do lugar é a Igreja Nossa Senhora das Neves, considerada uma das mais antigas construídas no Brasil, datada de 1552, edificada pelos jesuítas. Segundo relato de moradores, a Igreja foi levantada utilizando óleo de baleia na construção e por isso era possível ver esse óleo escorrendo pelas paredes em dias ensolarados. Segundo ainda registros, a Igreja foi a antiga capela do Engenho de André Fernandes Margalho. Conforme o relato de um dos moradores: “O ciclo da cana de açúcar foi responsável por uma configuração arquitetônica bastante especial da área: em entorno da Ilha e mesmo

no seu interior eram encontradas centenas de fazendas dos nobres proprietários, as quais eram compostas, além da área de lavoura da cana de açúcar, que por vezes incluía outras culturas como tabaco e mandioca, por uma quase sempre suntuosa casa de moradia, um engenho e uma capela, ermida ou igreja.”

Há um forte sentimento de pertencimento local entre os habitantes e isso pode ser observado na forma como se identificam: como nativos da Ilha e não como soteropolitanos, como aparece nos registros oficiais. “Sou filha da Maré, sou marisqueira, eu vim da Maré. Eu sou filha de Ilha de Maré!”, afirma uma moradora da Ilha. Segundo ainda outro morador: “Reconheço que tenho e herdei a força dos meus ancestrais. Estou aqui todos os dias pela força e resistência. Meu avô, Antenor Damasceno, foi bisneto de escravo.”, nos conta moradores da Ilha. Tudo leva a crer que os primeiros habitantes foram indígenas, provavelmente tupinambás, seguidos por africanos escravizados e que foram trazidos para o trabalho forçado na capital baiana. Há relatos de que os homens e mulheres escravizados fugiam por trás do que hoje é o Museu Carlos Costa Pinto - importante comerciante e exportador de açúcar da Bahia - e nadavam até chegar à praia, na Ilha de Maré, considerado um lugar seguro.

### **Considerações finais:**

Na Constituição de 1988, o texto aprovado contém uma formulação sucinta sobre o quilombo: trata-se da propriedade de terra e dispensa a ênfase na historicidade dos chamados remanescentes. A relação de continuidade entre a ressemantização histórica e constitucional do quilombo estabelece uma espécie de genealogia centrada no agenciamento enquanto símbolo ou metáfora de “resistência negra” e do desrespeito histórico infligido a esta população. Foi nesse conjunto de regulamentos constitucionais que os quilombolas passaram a ter direitos territoriais: ocupação das terras tradicionais com a garantia da titulação definitiva concedida pelo Estado brasileiro. A partir da Constituição de 1988, o quilombo passou a ter o significado de uma organização social em termos étnicos. O quilombo condiz com um campo específico de articulação que envolve a produção intelectual e a ação coletiva em torno da mobilização de grupos que reivindicam a pertença étnica como forma de acesso ao direito à diferença cultural, à

reprodução de práticas cotidianas – econômicas, sociais, culturais, políticas – e ao respeito aos saberes tradicionais. E nesse sentido a etnicidade ou grupos étnicos se refere especialmente às organizações sociais percebidas – e que se percebem – como formações distintas pelo compartilhamento de um patrimônio linguístico, social ou cultural considerado exclusivo. Portanto, os grupos étnicos persistem não por um suposto isolamento social, cultural ou geográfico, mas justamente porque as fronteiras permanecem, apesar do fluxo de pessoas.

O que a nossa pesquisa demonstra é que as formas de organização social, nos centros urbanos condizem com as favelas, os quilombos urbanos, as áreas periféricas e, nas áreas rurais com as comunidades negras e os quilombos, persistem no tempo e no espaço da nação brasileira. São evidências que acentuam os aspectos da memória social mobilizados para manter a resistência da população negra durante várias décadas de acomodação na modernidade brasileira. As práticas, os saberes, as formas econômicas, lembram que o quilombado – empiricamente e metaforicamente – utiliza de formas coletivas de sobrevivência em meio a pressão do sistema capitalista, do mercado de trabalho, das práticas modernas e modernizantes e mantém uma relação com as estratégias e os empreendimentos realizados historicamente pelos negros no Brasil.

Utilizamos o método de estudo da continuidade histórica para evidenciar lugares considerados de predominância negra, levando em consideração a origem, a dinâmica e a persistência. A capacidade empreendedora dos negros no Brasil se faz evidente na produção de sistemas sociais alternativos – quilombo, favelas, terreiros, afoxés - para uma população que se encontram à margem da sociedade brasileira, estruturada em rígidas hierarquias sociais: raça, gênero, classe.

A ideologia do quilombo, assim como as comunidades negras concretas, organiza a população negra, mas agora em torno de uma representação persistente no imaginário nacional, bem como revela a situação de marginalização histórica, geográfica, política, social, cultural na qual está submetida essa parcela da população. É o que podemos evidenciar nas duas localidades estudadas em que as práticas, as manifestações, as formas de organização têm caráter de resistência em meio ao trator modernizante a qual estão submetidas.

A memória social, na falta de uma documentação pertinente, é uma importante fonte para a consolidação dos registros históricos sobre as populações negras e os seus empreendimentos no tempo e no espaço da nação brasileira. Por isso os relatos de moradores são evidências de uma história social construída no cotidiano, conectadas com as estratégias e as tácitas desenvolvidas pela comunidade. O que podemos observar são práticas ligadas com o passado remoto – práticas culturais, sociais e econômicas – e que fazem da memória social do quilombo uma importante representação sobre a resistência e a persistência da população negra no Brasil.

#### **Referência bibliográfica:**

1. AZEVEDO, Thales de. **As elites de cor numa cidade brasileira**: um estudo de ascensão social; & Classes sociais e grupos de prestígio. 2. ed. Salvador, BA: EDUFBA, 1996.
2. FUNDAÇÃO PIERRE VERGER, Memórias do Engenho Velho de Brotas, Salvador, 2009.
3. GONZALEZ, Lélia. HASENBALG, Carlos Alfredo. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.
4. LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 3. ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1994.
5. VINHAS, Wagner. **Palavras sobre uma historiadora transatlântica**: estudo da trajetória intelectual de Maria Beatriz Nascimento. Tese de Doutora, UFBA, 2016.